

**“O MONUMENTO É DE PAPEL CREPOM E PRATA”: DA APARÊNCIA À RESISTÊNCIA LGBTQI+ NA *RAINBOW FEST* – JUIZ DE FORA (MG).**

Rebeka Girardi Knop  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
rebekaa-gk@hotmail.com

Carlos Eduardo Santos Maia  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
carlmaia@uol.com.br

**RESUMO:** O presente artigo objetiva apresentar o evento *rainbow fest*, que ocorre na Cidade de Juiz de Fora, como uma forma de ativismo, sendo esta uma festa relacionada às culturas LGBTQI+ com notória expressão política e social na cidade e que vem ganhando expressão nacional pela sua tradição. Analisa-se, paralelamente, como o mostrar-se na festa pelas vestimentas e trajes d@s cidad@s participantes no evento está intimamente relacionada com uma forma de resistência e traduz as identidades das coletividades LGBTQI+.

Palavras-chave: Ativismo; Vestimenta; Identidade.

GT – 10: “Práticas culturais na produção da cidade”

## INTRODUÇÃO

A produção dos espaços urbanos implica na construção identidades culturais que se alicerçam em enraizamentos, tradições, rupturas e diferenças muitas vezes manifestas no cotidiano, bem como em espaços-tempos extraordinários. A diversidade é, assim, um fundamento constitutivo da cidade que, bem antes de ser teorizada nas ciências modernas, fora notada por Aristóteles nas suas críticas àquela concepção Socrático-platônica de república:

“[...] la ciudad es múltiple, y si se aspira a la unidad, de ciudad se convertirá en familia, y la familia en individuo, porque la familia tiene más unidad que la ciudad, y el individuo [...] Pero la ciudad no se compone sólo de cierto número de individuos, sino que se compone también de individuos específicamente diferentes, porque los elementos que la forman no son semejantes. No es como una alianza militar, la cual vale siempre en proporción del número de los miembros que se reúnen para prestarse mutuo apoyo, aun cuando la especie de los asociados fuese, por otra parte, perfectamente idéntica, mucho más aún que la familia.” (ARISTÓTELES, 2019?)

No presente artigo, o foco de abordagem da cidade como diversidade, múltipla, norteia-se na instância do evento *Rainbow Fest*, na Cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais. Para a produção do artigo, realizou-se levantamento bibliográfico e foram entrevistadas 28 pessoas como participantes, além de um de seus organizadores. Note-se que a *Rainbow Fest* já é uma tradição na cidade de Juiz de Fora, modificando a paisagem do espaço urbano através das decorações nas fachadas das edificações públicas e privadas, da música eletrônica (que invade as lojas e as ruas), das artes e das vestimentas d@s participantes; trazendo para a cidade as “culturas LGBTQI+”. O evento demonstra que, além de diversidade,

[...] a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitude organizadas, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial (PARK, p. 26).

Ressalte-se que a tradição da festa é antitética ao “tradicionalismo mineiro”, gerando descontentamento em parte da população local em relação às práticas espaciais dequel@s que, durante o evento, se utilizam “ativismo” como ato de resistência social e expressão de identidades. Aqui, para além de uma “identidade congelada em papeis” ou “normatizada”, define-se

[...] identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre as outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é

fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. (CASTELLS, 1999, p. 22)

Como dito por Castells, identidades são “fontes de significados”, tendo por princípio atributos culturais e estando sempre em processo de construção. São formadas pela composição de diversas “matérias primas” nas quais entram em contato “os atores sociais” no meio em que vivem, estando entre estas matérias primas a “geografia” e as “fantasias pessoais” (CASTELLS, 1999, p. 23).

Durante a *Rainbow Fest*, tem-se um momento atípico na cidade em que a matéria prima das “fantasias pessoais”, fantasias estas favorecidas pelo espaço-tempo festivo, se mostra mais intensamente nos “projetos culturais” das “identidades de resistência” (CASTELLS, 1999, p. 24). Esta prevalência das fantasias individuais d@s cidad@s consumidor@s presentes no evento estruturando as práticas espaciais atinge, conforme se anunciou, comércio e serviços que incorporam elementos simbólicos desta fantasia (cores do arco-íris e estilo musical) para atender o público LGBTQI+ que vem prestigiar a situação em que podem se sentir a vontade e deambular de maneira mais livre que no cotidiano, sem preocupações com julgamentos, inclusive sobre o modo de vestir. Dentro da festa, cria-se na cidade um território específico no qual se ergue um “muro invisível” alicerçado no ativismo. Conforme propõe Raposo, o “ativismo” permite refletir sobre:

[...] ligações, tão clássicas como prolixas e polêmicas entre arte e política, e estimula os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas... A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. *Artivismo* consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística (RAPOSO, 2015, p. 5).

Nas páginas seguintes, busca-se demonstrar como na tradição da *Rainbow Fest* as identidades, como “fontes de significados”, assumem a forma de resistência utilizando-se de “ativismo” desvelando “projetos culturais” de aceitação da diversidade de maneira plena na Cidade de Juiz de Fora.

## 1 LIBERTAS FESTIVAM SERA TAMEN!

A *Rainbow Fest*, cuja primeira edição ocorreu no ano de 1998, é um evento LGBTQI+ que tem contribuído para uma maior inserção dest@s cidad@s na sociedade juizforana, paralelamente a outro mais antigo e consagrado nacionalmente: O Miss Brasil Gay – existente desde 1977. A realização da *Rainbow Fest* de modo paralelo ao Miss Brasil Gay estendeu o espaço-tempo festivo LGBTQI+ e trouxe outra pauta à dinâmica ativista: a promoção dos direitos humanos e a visibilidade de queers, intersexo, lésbicas, transexuais e travestis, além de Gays que já eram realçados no Miss Brasil.

A *Rainbow Fest* é organizada pelo Movimento Gay de Minas, fundado oficialmente em 2000 num contexto em que, como dito pelo organizador durante entrevista, a realidade LGBT no Brasil e na cidade de Juiz de Fora era outra: ainda não existia a união civil entre pessoas do mesmo sexo e outros direitos civis reconhecidos @s heterossexuais eram negados a cidad@s – pensão por morte, adoção, herança, reconhecimento da estruturação familiar. O primeiro ano da *Rainbow Fest*, 1998, foi marcado por “palestras, debates, lançamento de livros, exposições de arte, mostra de cinema e outras atividades culturais com temática GLBT. O sucesso do primeiro encontro apontou para a necessidade de um trabalho mais duradouro.” (A HISTÓRIA DO MGM, 2016)

Observe-se que, no final dos anos de 1990, o Brasil estava consolidando seu processo de redemocratização e os movimentos LGBT na Terra Brasilis delineavam projetos culturais-políticos-sociais. Simultaneamente, organizavam-se as identidades de resistência através de práticas ativistas pelo convite à “saída do armário” e à ocupação de ocupação dos lugares públicos em “paradas” (MAIA, 2015).

As paradas, como práticas de “*Coming Out*” (saída do armário), iniciaram-se na qualidade movimento “ativista” em Nova York durante celebração da rebelião de *Stonewall Inn*, tendo esta rebelião ocorrido em 1969 e a primeira parada deu-se no ano seguinte – 1970 – nos arredores do bar *Stonewall Inn*, situado em *Greenwich Village*, foco da rebelião. A principal estratégia era trazer a militância para a rua e mostrar suas identidades (de resistência) e projetos culturais-político-sociais. Isto rapidamente chegou à Europa, particularmente em Londres, no ano 1972. Todavia, o contexto ditatorial do Brasil e, a seguir, o estigma da AIDS adiaram esta forma de ativismo no Brasil, de modo que as duas paradas mais expressivas atualmente só

começaram em 1996, parada do Rio de Janeiro, e 1997, parada São Paulo (MAIA, 2015). Em Juiz de Fora, a *Rainbow Fest* incorporou a parada em seus eventos no ano de 2003, havendo nesta edição a concorrência de 15 mil pessoas (A HISTÓRIA DO MGM, 2016).

No ano de 1998, conforme dito anteriormente, o MGM produziu a primeira “Cidade *Rainbow*”, que ocupou diferentes espaços no Centro cidade ao longo de sua existência como parte constitutiva da *Rainbow Fest*. Todavia, em 2016, houve um ano sabático, pois, para os organizadores, era preciso reinventá-lo. De acordo com o organizador entrevistado, isto se deveu ao fato de que a organização percebeu que já havia cumprido o papel de trazer o assunto dos direitos LGBT à tona e desejavapara o ano de 2017 um novo modelo de evento e novas conquistas; ou, na palavra do organizador: “O rainbow fest tem como maior objetivo dar visibilidade ao público LGBT, lutar contra homofobia, promover a cidadania e fomentar a cultura, criando uma cultura e um turismo gay na Cidade de Juiz de Fora” (informação verbal).

Após o ano sabático, a *Rainbow Fest* mudou sua estrutura, se readaptando à nova realidade pois, assim como o organizador aponta, o evento já atingira seu objetivo. Com isso, não haveria mais a necessidade manifestar-se através da parada. Em 2017 trouxe uma configuração em que realçava as culturas LGBTQI+ através de práticas artivistas (mercado alternativo, dança e música embalada por DJs nacionalmente conhecidos, desfiles de moda, festas privadas, performances, concurso Miss Brasil Gay, Cãominhada, etc), conforme programação divulgada (TRIBUNA DE MINAS, 02/08/2017), tendo como *core area* a Praça Antônio Carlos, que está situada no Centro da Cidade de Juiz de Fora. Nas “festas dentro da festa” (DEL PRIORE, 1994) o artivismo era sensível no sentido de que, pelas performances, os coletivos presentes expuseram “[...] uma arte mais social de natureza crítica e repulsiva em relação às injustiças sociais, permitindo assim uma possível consciência geral em relação à mudança.” (ORTEGA, 2015, p. 103 – tradução dos autores)<sup>1</sup>

A festa na Praça Antônio Carlos, por ser um espaço público, diferente do que ocorreu nas últimas edições da Cidade *Rainbow* antes do “ano sábitico” (que se alojou em espaços “temporariamente privatizados” com cobrança de ingresso), atraiu, aumentou e conquistou o público, principalmente jovem, mas bastante diverso de um modo geral. A nova *Rainbow Fest* na

---

<sup>1</sup> “[...] un arte más social de carácter crítico y repulsivo hacia las injusticias sociales, permitiendo así una posible concienciación general hacia el cambio”.

qualidade de “fato social total”, traz para Juiz de Fora o *pink money*, como já ocorria antes, turistificando o “orgulho”, as culturas LGBTQI+ e os eventos associados à festa (MAIA, 2015).

O *Rainbow fest* Brasil tem esse objetivo: trazer nossas cores, nossa cultura, nossa cidadania para a luz do dia. Somos uma força que movimenta a economia da cidade injetando milhões de reais no nosso município; ajudamos a cidade a criar centenas de empregos temporários; movimentamos a rede hoteleira, o setor de vestuário e gastronomia. Taxistas, artesãos, ambulantes, garçons, artistas garantem um aumento significativo no seu faturamento durante a semana LGBT (RAINBOWFEST BRASIL, 2017, p.2).

Em 2019 novamente altera-se a dinâmica do evento espacial do evento, alocando-o no Parque Halfeld pelo fato de ser um local mais lúdico e, ainda, mais visível. Neste espaço público encontram-se representados os três poderes: a antiga sede da prefeitura, o fórum e a câmara, que ganham a cor do poder LGBTQI+ traduzido nas matizes das bandeiras LGTTQI+ presentes em diversos elementos da paisagem (bandeiras do orgulho LGBT – arco-íris -, bissexual – rosa e azul -, transexual – rosa, azul e branco – urso – marrom, laranja, amarelo, branco, cinza e preto). Neste ano de 2019, haverá feira ao ar livre de adoção de animais, desfile de moda, feira de artesanato, acessórios e roupas, e cinema na praça objetivando-se realizar uma festa mais interativa. “É importante que as novas gerações saibam e reconheçam a luta de muitos que ha anos estão na estrada, nas trincheiras do movimento para que hoje possamos estar aqui, nas ruas, lendo este editorial e desfrutando a nossa cultura, nossas cores, abertamente, sob a luz do sol. (MGM, 2017, p.2)”

## 2 A ROUPA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

A maneira de se vestir mostra, por vezes, ato de resistência pessoal, em outras, de aceitação e submissão; a vestimenta traduz ainda historicidade e lugaridade de quem a incorpora: constitui sua identidade. De outro modo, “a roupa, onde e como a veste dá a visibilidade inteira, sem tirar, de modo de se *enfeitar*, o que primeiro nos apresenta sinalizado – a identidade” (ALCÂNTARA, 2010, p. 8). Mafessoli ressalta o papel das vestimentas na produção daquela diversidade da cidade que mencionamos logo de início, de uma arquitetura figurativa (ou configurativa múltipla) das aparências:

Depois da tristeza da uniformidade, que foi a consequência da prevalência da racionalidade mecânica, da primazia do trabalho, em resumo, da ordem do sério, a cidade é certamente o lugar onde se deixa ver a expressão imaginal mais desenfreada.

Tudo contribui para isso: multiplicidade das vestimentas, profusão das mensagens publicitárias, colcha de retalhos das construções arquiteturais. A vida urbana é mesmo a das aparências. (MAFESSOLI, 2010, p. 137)

Além de comunicar as identidades individuais e coletivas, expressar a diversidade e o reino das aparências na cidade, o vestuário “serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir” (ECO, 1982, p. 17). Considerando as observações de Eco, Mafessoli e Alcântara, tratamos aqui a vestimenta nos eventos LGBTQI+ como um modo de ativismo e de comunicação que tanto serve para desvelar, como sinalizar, ou ainda ocultar “fantasias pessoais”.

Retoma-se aqui a fala do organizador da *Rainbow Fest* para quem a vestimenta é como “um cartão de visita”, à maneira de um RG, por exemplo. Segundo o depoente, para se ir a um evento escolhe-se determinada roupa e ela “traduz a personalidade da pessoa”, demonstrando a “consideração que ela tem pelo outro”. A maneira de se vestir representa como cada pessoa deseja ser vista no mundo, e isto correlaciona com sua identidade.

Na *Rainbow Fest* nota-se ampla gama de participantes vestid@s com símbolos LGBTQI+, notoriamente as cores da bandeira LGBT, como se observa nas fotos abaixo:



Figura 1 tirada por: Barboza Fotografia, *rainbow fest* 2018



Figura 2: Tirada pela autora durante a pesquisa em campo (2018)

A expressão de identidade LGBTQI+ pela vestimenta ocorre pelo uso das cores da bandeira, pinturas no rosto e acessórios. O vestir como ativismo e como resistência associa-se ainda às performance de “desfile com orgulho”, de dançar e cantar os *hits* do momento, de usar o vocabulário LGBTQI+ em alto e bom som. A performance aqui é essencial pois

[...] O corpo performativo torna-se assim uma ferramenta de resistência e contraprodução [...] A performance possibilita transformar o corpo estigmatizado, invisibilizado, enfraquecido, em ferramenta de reação à ordem urbana. Assim, o corpo, símbolo de exclusão social, de uma situação de marginalização, torna-se, através da inversão, um poderoso ponto de ancoragem para a reafirmação de sua própria existência [...] É uma ação simbólica pela qual o militante / artista / ativista / artista torna visível o invisível através de meios estéticos (formas, cores, materiais) e através de seu corpo. (BORGHI, 2017, p. 10 – tradução dos autores).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Le corps performatif devient donc un outil de résistance et de contre-production [...] La performance permet de transformer le corps stigmatisé, rendu invisible, affaibli, en outil de réaction à l'ordre urbain. C'est ainsi que le corps, symbole d'une mise à l'écart sociale, d'une situation de marginalisation, devient, à travers l'inversion, un point d'ancrage puissant pour la réaffirmation de sa propre existence [...] C'est une action symbolique par laquelle le ou la militante/artiste/activiste/artiste rend visible l'invisible par des moyens esthétiques (formes, couleurs, matières), et à travers son corps.

O corpo performático e vestido com os símbolos das coletividades LGBTQI+ é subversivo aos códigos (hetero)normativos e essencialmente comunicador de uma postura artivista dessas identidades de resistência. “Assim, como destacou o filósofo Paul Ricouer, a identidade é inseparável de uma narrativa” (ERNER, 2005).

Continuando com a fala do organizador da festa, este complementa observando: “...a roupa é um detalhe da minha personalidade, observa-se que existem gays mais masculinos, há gays mais roqueiros, ela não traduz a orientação sexual, mas traduz a personalidade que esse gay tem. O grande problema é que, como você vive em uma sociedade bastante heterossexista e muito binária (papel do macho e da fêmea), as pessoas tendem a associar a mulher como sexo frágil. O que a roupa vai dizer vai ser seu conjunto, o tipo de mulher que é” (informação verbal).

Tudo no mundo pode ser representado por signos. Segundo Berger e Luckmann (2004, p. 134) o signo é formado a partir do sonho, sendo ele materializado, acaba promovendo mais significado à realidade. Trazendo esta questão para o evento *RainbowFest*, o evento ganha mais força com o seu signo universal (bandeira LGBT) associado às fantasias individuais que são incorporadas na maneira de se vestir, traduzindo personalidades.

### 3 O “MURO” INVISÍVEL

Na festa, as pessoas conseguem se expressar da maneira que desejam, não havendo julgamento explícito pelas relações homoafetivas neste território. Logo se um casal de gays ou lésbicas, por exemplo, quiserem se beijar neste espaço público no tempo da festa isto pode ser feito sem preocupações. Aqui se define a territorialidade do evento como um espaço-tempo mais permissivo, com outras relações de poder e de “expressão biopolítica do corpo” (BORGHI, 2017). Neste território, cidad@s costumeiramente eclipsad@s tornam-se protagonistas no exercício do poder. Isto ocorre em outros eventos, como por exemplo, nos encontros de *rap* em que pessoas ligadas a esta arte frequentam e praticam artivismo. Por isso estes eventos culturais como formas de artivismo são de suma importância para a construção espaço urbano e a produção/afirmação de culturas.

Retornando ao tema das vestimentas, é necessário considerar que estas, em desvelando identidades, criam também um muro simbólico de liberdade ou de opressão, de união ou de

distanciamento, de vanguardismo ou de tradição. Durante o evento, perguntamos @s participantes se deixariam de ir em algum lugar em virtude do seu estilo de vestir. Notam-se no gráfico que festas e locais religiosos foram os mais citados como demonstrando a existência desses “muros simbólicos”, sendo ainda mencionados locais de trabalho/negócios.

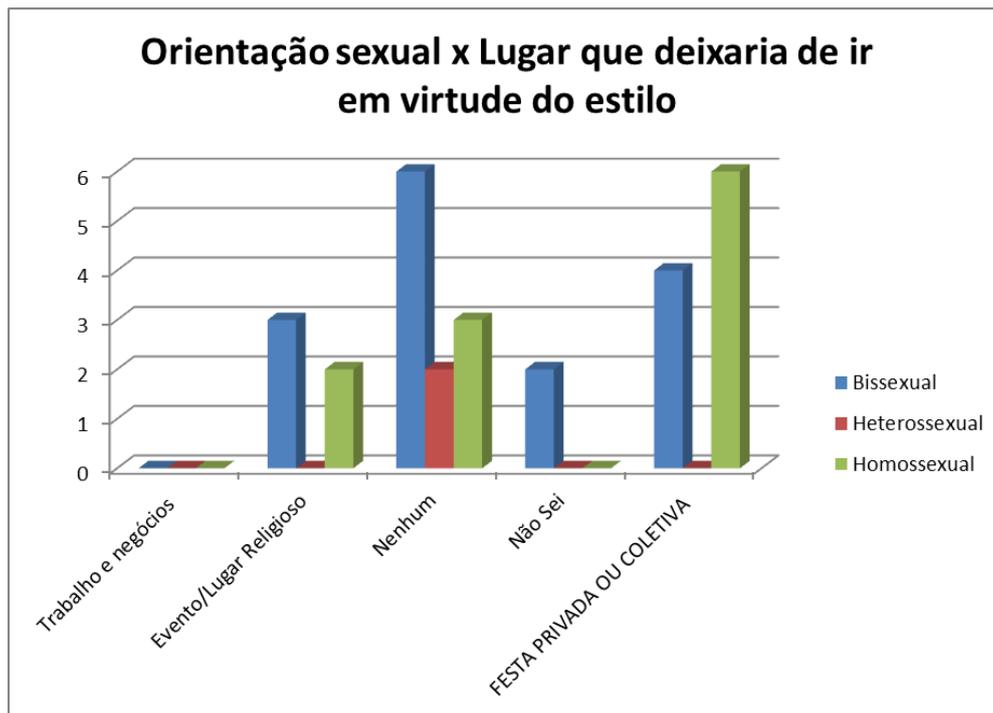


Figura 3: gráfico produzido pelos autores.

No ambiente de trabalho/negócios é fato que muitas vezes existem normas e padrões estabelecidos para maneira de se vestir, ou “códigos fortes”, como menciona Eco (1982, p. 16): “[...] pense-se no código do fardamento militar: não se deixa nenhuma invenção à fantasia do utente, nem mesmo a inclinação da boina [...]”. Nestes locais, a preocupação do servidor/empregado é passar a “boa imagem” (o que vale inclusive para os comandantes e até para o presidente de uma empresa). Note-se que, diariamente, algumas pessoas vão para o trabalho com roupas do cotidiano, onde no transporte público os códigos são “fracos”. Mas durante o serviço ficam uniformizadas e, ao saírem colocam novamente a roupa utilizada no dia a dia – às vezes, inclusive, fazem isto para não se identificarem como trabalhadores daquele serviço por razões diversas, até por medida de segurança como acontece com Policiais Militares em algumas cidades (Rio de Janeiro, por exemplo).

Já os locais religiosos são tradicionalmente reconhecidos com postuladores de códigos fortes, seja pelo uso de trajes cerimoniais, seja naqueles simplesmente usados para participação nas celebrações; de outro modo, estes locais obedecem preceitos e uma ética vestimentar rígida, o que nos leva a entender o fato destes locais terem sido apontados pel@s entrevistad@s.

Em relação às festas, há aquelas que exigem trajes próprios (black tie, traje a rigor, “esporte fino”, por exemplo); ou seja, possuem “códigos fortes”, tais como acontece em casamentos e formaturas. Por outro lado, há ainda aquelas em que relações homoafetivas não são bem vistas. Nota-se pelo gráfico que apenas @s Bissexuais e @s homossexuais responderam que deixariam de ir a uma festa em virtude do estilo. Estas festas, citadas por el@s, são conhecidas popularmente por festas de “heterotopzera”<sup>3</sup>, nas quais as relações sociais além do binário (homem e mulher) não são bem vistas.

Apesar das repressões, há aquel@s que não se preocupam com a maneira de se vestir e declararam que não deixariam de ir em quaisquer lugares em função do seu estilo. Este ato pode ser entendido como uma resistência e afirmação cotidiana destas pessoas.

#### ALGUNS FATORES QUE TAMBÉM INFLUENCIAM NA MANEIRA DE SE VESTIR

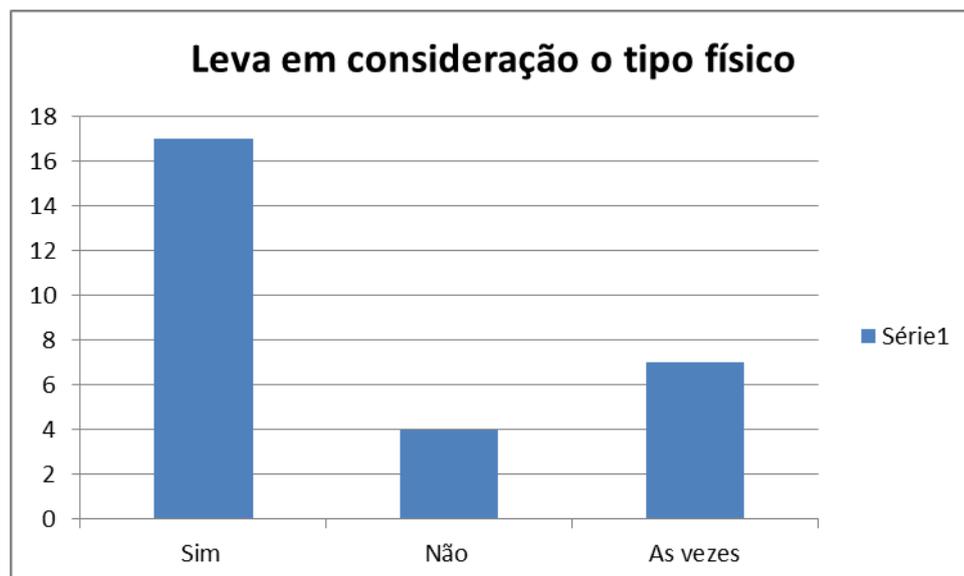


Figura 4: gráfico produzido pelos autores

<sup>3</sup> Seriam festas heteronormativas, sexistas e misóginas de público majoritariamente branco e classe média.

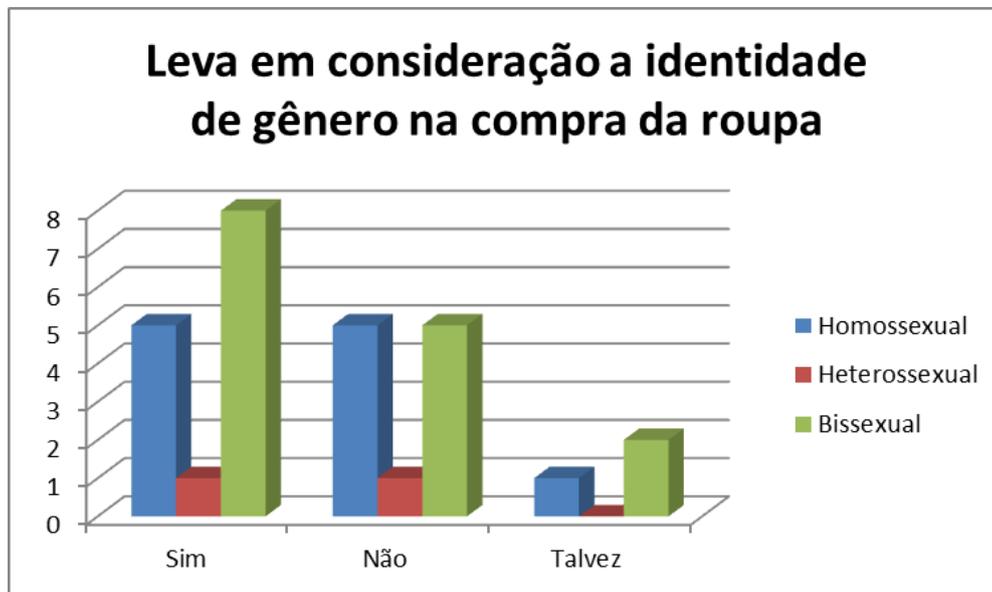


Figura 5: gráfico produzido pelos autores.

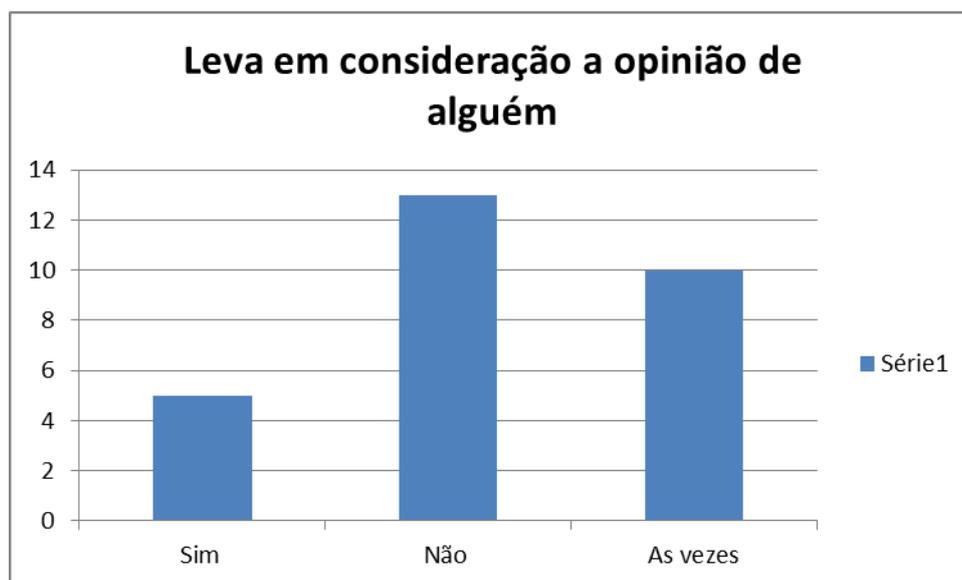


Figura 6: gráfico produzido pelos autores

Durante o trabalho de campo, buscou-se entrevistar as pessoas sobre os fatores que as influenciam na hora da compra da roupa, considerando-se três variáveis: tipo físico, identidade de gênero e opinião de alguém. Constata-se que o tipo físico é bastante considerado pelas pessoas na hora de escolher uma roupa, porque há uma construção social a respeito disso. A identidade de gênero é relativamente expressiva na compra de uma roupa e, isso é mais

representado pelos bissexuais e, nota-se que metade dos homossexuais, assim como dos heterossexuais, visam a identidade de gênero na hora da compra.

Observa-se que as pessoas reparam mais no tipo físico e na identidade de gênero do que na opinião dos outros, isso apresenta algo bastante subjetivo porque a escolha da roupa não é uma regra geral. Outra pergunta que estava no questionário era sobre o significado de estar bem vestido, e majoritariamente @s depoentes responderam “se sentir bem consigo mesmo”.

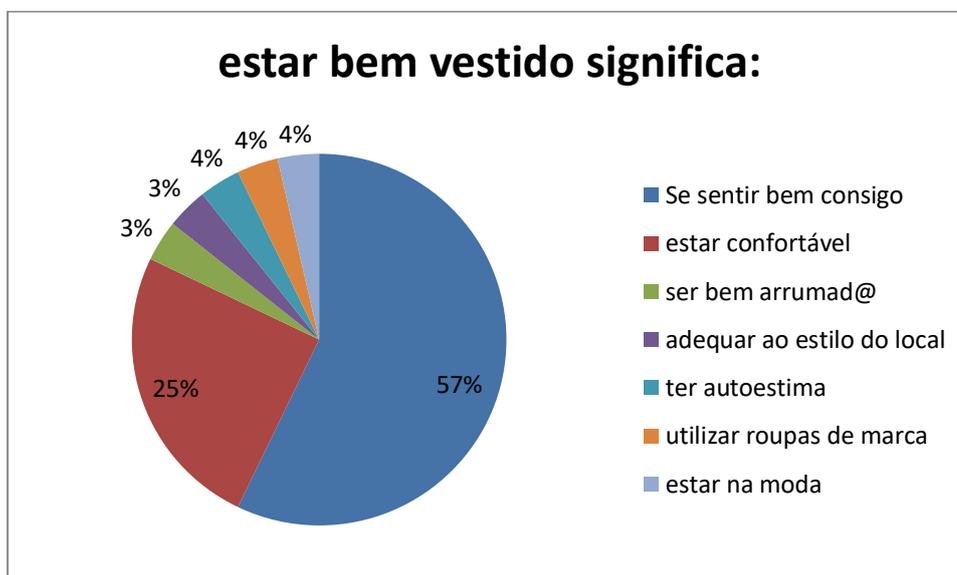


Figura 6: produzida pelos autores.

O gráfico acima representa como a subjetividade está bastante atrelada a isso de “estar bem vestido”. Porque o que pode ser bom para uma pessoa, para outra pode não ser. Consta-se que mais da metade relacionam isto com seu bem estar, já em segundo, a questão de “estar confortável” adentra nesta questão, sem fatores sociais relacionados, apenas a questão de estar com uma roupa confortável independente de qual seja.

Acerca do estilo de vestir-se, como nota-se no gráfico abaixo, a maioria das pessoas presentes na *Rainbow Fest* se identificaram com um estilo mais informal/casual, o que pode ser interpretado em virtude da faixa etária jovem presente no evento, pelo alto custo das roupas de grife e pela própria cultura vestimentar brasileira.

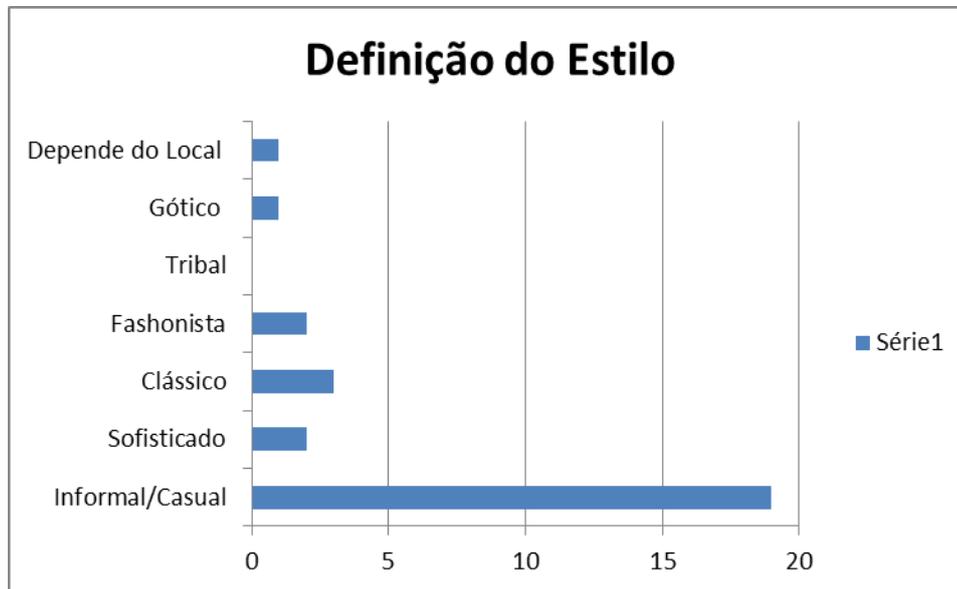


Figura 7: Gráfico produzido pelos autores.

## CONCLUSÃO

A *Rainbow Fest* é uma festa na qual está associada ativismo em busca de mais direitos, respeito e fomentação da cultura LGBTQI+ em Juiz de Fora. O evento antes tinha o nome apenas de *Rainbow Fest*, e respectivamente teve seu nome alterado para *Rainbow Fest Brasil*, mostrando o quanto expandiu a influência do evento. As ruas são locais de movimentos sociais, de liberdade de expressão, elas são um espaço político aberto. Através deste espaço as pessoas conseguem reivindicar suas indignações e colocam em cena suas fantasias individuais vão conquistando seus espaços dentro do meio urbano.

Os signos que compõem a festa dão mais forças ao evento. Pessoas se vestem da forma que desejarem para poderem participar do momento festivo, este que altera toda a dinâmica interna da cidade. Vestir-se bem está intimamente atrelado à questão pessoal para a maioria das pessoas.

**REFERÊNCIAS:**

A HISTÓRIA DO MGM: de 1998 a 2007. Disponível em: <<https://mgmorgbr.wordpress.com/2016/08/09/a-historia-do-mgm-de-1998-a-2007/>>. Acesso em 8 jun. 19.

ALCÂNTARA, Mamede. A Missão da Roupa: da moda ao discurso nas performances. São Paulo: 2010, 168 p.

ARISTÓTELES. **Política.** Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000426.pdf>>. Acesso em 8 jun. 19.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BORGHI, R. Corps dans l'espace, corps qui font l'espace. **Klaxon**, no. 6, 2017, p. 6-12. Disponível em: <[http://www.cifas.be/sites/default/files/klaxon/ibooks/pourunevilleinclusive-pdf\\_0.pdf](http://www.cifas.be/sites/default/files/klaxon/ibooks/pourunevilleinclusive-pdf_0.pdf)> Acesso em 8 jun. 19.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994. 136 p.

ECO, Humberto. O Hábito fala pelo monge. In: ECO, Humberto; SIGURTA, Renato; LIVOLSI; Marino et al. **Psicologia do Vestir.** 2ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982, p. 7-20.

ERNER, G. **Vítimas da moda? Como a criamos, por que a seguimos.** São Paulo: Editora SENAC. São Paulo, 2005.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. Moda, cultura e identidades. **Enecult**, Salvador, v. ?, n. ?, p.1-9, maio 2008.

MAFESSOLI, M. **No fundo das aparências.** Petrópolis: Vozes, 2010.

MAIA, Carlos Eduardo S. Go West, In The Open Air: Parada do Orgulho LGBT Goianiense - da repressão à turistificação. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 1, p. 200-221, jan. / jul. 2015.



ORTEGA, V. El artivismo como acción estratégica de nuevas narrativas artístico-políticas.

**Calle**. 14, 10 (15), p. 100 – 111, 2015.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. *In*: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973, p. 26-67.

RAINBOW FEST BRASIL (Documento promocional impresso). Juiz de Fora: MGM, 2017.

RAINBOW Fest divulga programação completa. **Tribuna de Minas**. 02/08/2017. Disponível em <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/02-08-2017/rainbow-fest-divulga-programacao-completa.html>>. Acesso em 16/06/2019.

RAPOSO, Paulo, “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências, **Cadernos de Arte e Antropologia**, Vol. 4, No. 2, 2015, p. 3-12.

VISONÁ, Paula Cristina; CORUJA, Paula. O devir e a moda como expressão de subjetividades e identidades. **Strategic Design Research Journal**, v. 8, n. 3, p.154-159, set. 2015.